

A economia nas sociedades pré-modernas - Introdução

(K. MARX. *GRUNDRISSE DER KRITIK POLITISCHEN ÖKONOMIE* , 1857-1858)





O CAPITAL

no século XXI



THOMAS
PIKETTY

TRADUÇÃO DE MONICA BAUMGARTEN DE BOLLE



Nicolas
Lecaussin

Jean-Philippe
Delsol



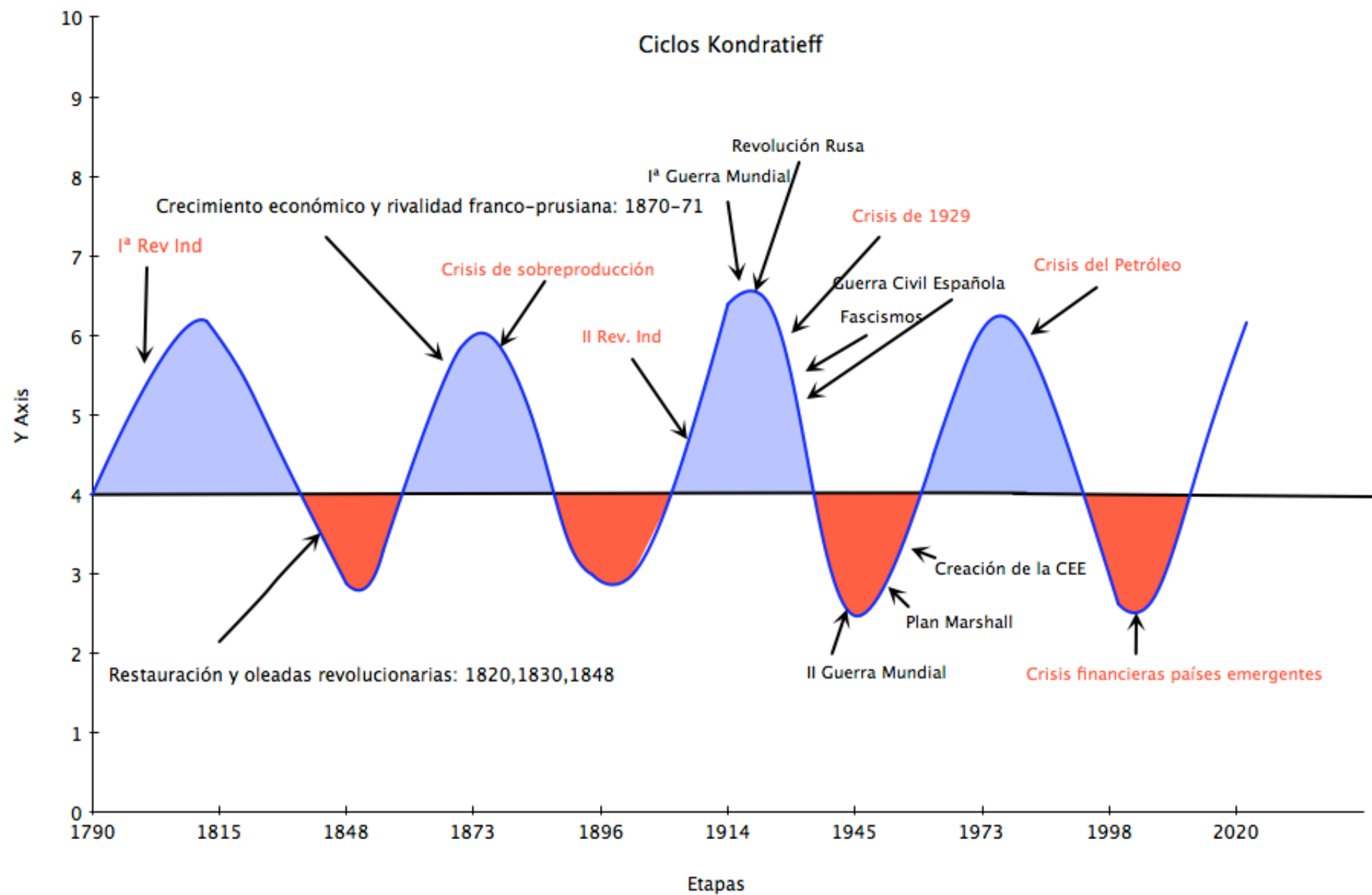
Anti-Piketty

Vive le Capital au XXI^e siècle !

Sous la coordination d' **Emmanuel Martin**

*Daron Acemoglu, Donald Boudreaux, Jean-Philippe Delsol, James A. Dorn,
Nicholas Eberstadt, Martin Feldstein, Salim Furth, Randall Holcombe,
Nicolas Lecaussin, Lucas Léger, Henri Lepage, Phillip Magness,
Emmanuel Martin, Robert P. Murphy, Juan Ramón Rallo,
James A. Robinson, Malin Sablén, Álvaro Vargas Llosa, Hans-Werner Sinn,
Michael Tanner et Bernard Zimmern.*

Libréchange
LES ÉDITIONS



Produced by the FAO Statistics Division
For additional information:
<http://www.fao.org/economic/ess>

About 793 million people in the world still lack sufficient food for conducting an active and healthy life.

Yet progress has been made, even in the presence of significant population growth. Approximately 218 million fewer people suffer from undernourishment than 25 years ago and 169 million fewer than a decade ago.

The year 2015 marks the end of the monitoring period for the Millennium Development Goal targets. Seventy-three out of 129 developing countries – more than half the countries monitored – have reached the MDG 1C hunger target of halving the proportion of the chronically undernourished.

In developing regions the target was almost achieved, with the share of undernourished having decreased during the monitoring period from 23.3 to 12.9 percent.

Some regions, such as Latin America, the east and southeastern regions of Asia, the Caucasus and Central Asia, and the northern and western regions of Africa, have made fast progress. Progress was also recorded in southern Asia, Oceania, the Caribbean and southern and eastern Africa, but at too slow a pace to reach the MDG 1C target.

In many countries that have failed to reach the international hunger targets, natural and human-induced disasters or political instability have resulted in protracted crises, with increased vulnerability and food insecurity among large segments of the population.

ACHIEVEMENT OF THE MILLENNIUM DEVELOPMENT GOAL HUNGER TARGET

GOALS

Millennium Development Goal 1, target 1C: halve, between 1990-92 and 2015, the proportion of people suffering from undernourishment, or reduce this proportion below 5 percent. The indicator measures the proportion of the population below the minimum level of dietary energy consumption (undernourishment). The assessment is not conducted for developed regions.

Prevalence of undernourishment: measures the probability that a randomly selected individual in the population is consuming an amount of dietary energy, which is insufficient to cover her/his requirements to lead an active and healthy life.

World Food Summit (WFS) goal: halve, between 1990-92 and 2015, the number of people undernourished.

The designations employed and the presentation of the material in the maps do not imply the expression of any opinion whatsoever on the part of FAO concerning the legal or constitutional status of any country, territory or sea area, or concerning the delimitation of frontiers.

PREVALENCE OF UNDERNOURISHMENT IN THE POPULATION
(PERCENT) IN 2014-16

LEGEND

- <5% - Very low
 ● 5% → 14.9% - Moderately low
 ● 15% → 24.9% - Moderately high
 ● 25% → 34.9% - High
 ● 35% and over - Very high
 ● Missing or insufficient data

LEGEND

- Target 1C achieved
 ● Target 1C not achieved, with slow progress
 ● Target 1C not achieved, with lack of progress or deterioration
 ● Missing or insufficient data
 ● Not assessed

NOTES

The latest global undernourishment estimates published in SOFI 2015 have been slightly revised due to a change in the underlying data of two countries. In particular:

1. New information on agricultural production in Senegal, provided by the Agence Nationale de Statistique et de la Démographie, has led to a revision of the national per capita availability of calories. Based on the updated data, new estimates of the Prevalence of Undernourishment and Number of Undernourished people for the periods from 2010-12 to 2014-16 were calculated.

2. Estimates on food losses at the retail level for Oman were modified, leading to a minor revision

of the national per capita availability of calories. Based on the updated data, new estimates of the Prevalence of Undernourishment and the Number of Undernourished people were obtained for Oman.

As a result of these revisions, estimates for the relevant regional and global aggregates, as well as special country groups, have also been updated.

These revisions do not change the overall assessment of the state of global food insecurity described in SOFI 2015.

ACHIEVEMENT OF THE WORLD FOOD SUMMIT TARGET
FROM 1990-92 TO 2014-16

LEGEND

- Target achieved
- Target not achieved, with slow progress
- Target not achieved, with lack of progress or deterioration
- Missing or insufficient data
- Not assessed

SOURCES

Undernourishment data: FAO Statistics Division (ESS)
Political boundaries: FAO Global Administrative Unit Layers (GAUL)
Global relief: ETOPO1 (National Geophysical Data Center - NOAA)
Inland water bodies: FAO Land and Water Division (NRI)

The Medieval Economy and Society (M.N. Postan, 1976)

L'économie médiévale (M. Le Menè, 1977)

L'économie médiévale (Ph. Contamine *et alii*, 1997)

Origins of European Economy (M. McCormick, 2002)

The Carolingian Economy (A. Verhulst, 2002)

L'économie templière en Occident (2013)

Quanto mais fundo voltamos na história, mais o indivíduo, e por isso também o indivíduo que produz, aparece como dependente, como membro de um todo maior.

O ser humano só se individualiza pelo processo histórico. Ele aparece originalmente como um ser genérico, ser tribal, animal gregário – ainda que de forma alguma como um “animal político” em sentido político. A própria troca é um meio essencial dessa individuação. Ela torna o sistema gregário supérfluo e o dissolve.

De son côté, le marxisme a certes suscité un indéniable intérêt pour les structures économiques au temps du féodalisme, mais sans prendre en considération la « superstructure » chrétienne pour elle-même, sauf à dire que l'Église médiévale était partie prenante de l'aristocratie et que, comme telle, elle fut une force de domination sur la terre et sur les hommes. Il a fallu la formidable force de renouvellement de « marxistes » peu « marxistes » pour que le « religieux », avec Maurice Godelier, trouve sa vraie place dans le jeu global de structuration sociale, et pour que, avec Alain Guerreau, les « horizons théoriques du féodalisme » soient revisités au point de souligner qu'au Moyen Âge les notions d'Église et de société sont coextensives [D. Iogna-Prat, "Préparer l'au-delà, gérer l'ici-bas: Les élites ecclésiastiques, la richesse et l'économie du christianisme (perspectives de travail)", p. 62].

A sociedade burguesa é a mais desenvolvida e diversificada organização histórica da produção. Por essa razão, as categorias que expressam suas relações e a compreensão de sua estrutura permitem simultaneamente compreender a organização e as relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, com cujos escombros e elementos edificou-se, parte dos quais ainda carrega consigo como resíduos não superados, parte [que] nela se desenvolvem de meros indícios em significações plenas etc. A anatomia do ser humano é uma chave para a anatomia do macaco. Por outro lado, os indícios de formas superiores nas espécies animais inferiores só podem ser compreendidos quando a forma superior já é conhecida. Do mesmo modo, a economia burguesa fornece a chave da economia antiga etc.

O assim chamado desenvolvimento histórico se baseia sobretudo no fato de que a última forma considera as formas precedentes como etapas até si mesma, e as concebe sempre unilateralmente, uma vez que raramente critica a si mesma, do que é capaz apenas em condições muito determinadas – e aqui naturalmente não se trata daqueles períodos históricos que parecem a si mesmos como épocas de decadência.

A terra é o grande laboratório, o arsenal, que fornece tanto o meio de trabalho quanto o material de trabalho, bem como a sede, a base da comunidade. Eles [os homens] se relacionam com a terra, ingenuamente, como propriedade da comunidade, e da comunidade que se produz e reproduz pelo trabalho vivo. Somente como parte, como membro dessa comunidade, cada indivíduo singular se comporta como proprietário ou possuidor. A apropriação real pelo processo do trabalho se realiza sob esses pressupostos, que não são eles mesmos produtos do trabalho, mas aparecem como seus pressupostos naturais ou divinos.

Em outras palavras: a gênese extraeconômica da propriedade nada mais significa que a gênese histórica da economia burguesa, das formas de produção que são expressas pelas categorias da economia política teórica ou idealmente. Mas o fato de que a história pré-burguesa, e cada fase sua, também tem a sua economia e uma base econômica do movimento, [no fundo, é a simples tautologia de que a vida dos seres humanos desde sempre esteve baseada na produção, [de uma ou de outra maneira, na produção social, cujas relações chamamos justamente de relações econômicas. As condições originais da produção... originariamente, não podem ser elas próprias produzidas – não podem ser resultados da produção. Não é a unidade do ser humano vivo e ativo com as condições naturais, inorgânicas, do seu metabolismo com a natureza e, em consequência, a sua apropriação da natureza que precisa de explicação ou é resultado de um processo histórico, mas a separação entre essas condições inorgânicas da existência humana e essa existência ativa, uma separação que só está posta por completo na relação entre trabalho assalariado e capital.

Mas a simples existência da fortuna em dinheiro, e até mesmo a obtenção de uma espécie de supremacia de sua parte, de modo algum é suficiente para que ocorra aquela dissolução em capital. Caso contrário, Roma antiga, Bizâncio etc. teriam encerrado a sua história com trabalho livre e capital ou, antes, inaugurado uma nova história. Também ali a dissolução das antigas relações de propriedade estava associada ao desenvolvimento da fortuna em dinheiro –do comércio etc. Entretanto, em lugar de levar à indústria, essa dissolução levou |de fato ao domínio do campo sobre a cidade.

A história da Antiguidade clássica é [a] história da cidade, mas de cidades fundadas na propriedade de terra e na agricultura; a história asiática é uma espécie de unidade indiferente de cidade e campo (nesse caso, as cidades realmente grandes têm de ser consideradas unicamente como acampamentos principescos, como superfluidade acrescida à construção econômica propriamente dita); a Idade Média (época germânica) parte da terra como sede da história, cujo desenvolvimento posterior se desenrola então como oposição entre cidade e campo; a [história] moderna é a urbanização do campo, não a ruralização da cidade, como entre os antigos.

Nunca encontramos entre os antigos uma investigação sobre qual forma de propriedade da terra é a mais produtiva, qual cria a maior riqueza. A riqueza não aparece como finalidade da produção, embora Catão naturalmente possa examinar qual cultivo do campo é o mais rentável, ou até Brutus possa emprestar seu dinheiro aos melhores juros. A investigação é sempre sobre qual modo da propriedade cria os melhores cidadãos. A riqueza só aparece como fim em si mesma entre os poucos povos mercantis –monopolistas do |comércio de carga – que vivem nos poros do mundo antigo, assim como os judeus na sociedade medieval. Agora, a riqueza é, por um lado, coisa, realizada em coisas, em produtos materiais, com os quais o ser humano se defronta como sujeito; por outro lado, como valor, é simples comando sobre trabalho alheio, não para fins de dominação, mas da fruição privada etc.

O que me havia estimulado a fazer tal pesquisa era a convicção de que as raízes da crise atual da democracia devem ser procuradas mais na ausência daquele fundamento do pacto político, que havia possibilitado ao longo dos séculos o crescimento do estado de direito, liberal e democrático, que constitui a experiência única do Ocidente no âmbito da história da civilização, do que no funcionamento das regras, em particular das normas constitucionais: um equilíbrio dinâmico entre a relação sagrada do juramento e a secularização do pacto político, fruto do dualismo entre poder espiritual e poder temporal, amadurecido no quadro do cristianismo ocidental (**no quadro, e não contra ele!**). É esse equilíbrio que permitiu a construção das modernas identidades coletivas da pátria e da nação, conciliando-as com o desenvolvimento dos direitos do homem (Paolo Prodi, Uma história da justiça, 2005, p. 3).